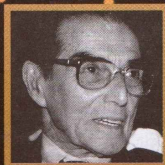


# PIONEIROS

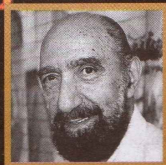
*Histórias de quem fez Brasília*

Nos primeiros anos de Brasília era, da Cidade Livre, João Nogueira Bandeira, que vinham os principais produtos consumidos pelos moradores. Era um tempo difícil, mas de muita solidariedade. Na série *Pioneiros — histórias de quem fez Brasília*, as lembranças desses tempos estão sendo revividas pela memória de cem *desbravadores* que ajudaram a trazer a capital federal para o Planalto.

Lúcio Batista  
Arantes



Nilton Soares  
de Freitas



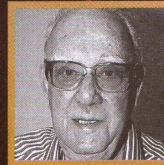
Nonata  
Mourão



Oraida  
Campos



Ugo  
Bureste



## PIONEIROS



Lúcio Batista Arantes

# Responsabilidade pelas questões judiciais da capital

Arquivo pessoal



LÚCIO ARANTES, QUE COMEÇOU ATUANDO COMO JUIZ EM 1968, TOMA POSSE NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A vida deste pioneiro, de 85 anos, se confunde com a própria história da Justiça em Brasília. Honesto e perseguidor da calúnia e da injúria, Lúcio Batista Arantes é o responsável pelos primeiros processos judiciais na nova capital.

Em meados da década de 50, o então promotor de Justiça de Rio Verde (GO) já se entusiasmava com os inflamados discursos do então candidato à Presidência, Juscelino Kubitschek, durante sua campanha na pequena Jataí. Nos discursos, JK afirmava a necessidade de mudança da capital.

A escassez de juízes eleitorais no norte do estado de Goiás levou o magistrado a atuar em Tocantinópolis a pedido do então governador. A alegria de voltar para a terra natal, Trindade, passadas as eleições, não durou muito. A vaga de juiz fora preenchida por outro. O desejo de atuar próximo à família levou Arantes a ocupar a única vaga existente em Planaltina — nove anos antes da inauguração da capital.

Na pacata Comarca de Planaltina, pertencente, naquela época, ao estado de Goiás, seria

traçada uma brilhante carreira jurídica que, já no final de 1959, lhe renderia o primeiro título de uma série de homenagens: o de *Pioneiro da Justiça*, conferido pela Associação Comercial de Brasília.

Em Planaltina, o ex-prefeito de Ipameri, em Goiás, foi o anfitrião durante as visitas das primeiras comissões de estudo para a escolha do terreno da futura capital federal. Em uma dessas visitas, ele teve o privilégio de sobrevoar o sítio Castanho, escolhido para a construção da ci-

dade. “Do alto só se via um risco no meio do cerrado”, comenta o juiz, referindo-se à estrada que daria origem à Avenida Central na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante).

## Desapropriação de terras

Como Juiz de Direito da cidade-satélite, Lúcio Arantes foi o primeiro a atuar em Brasília — com a autorização do Tribunal de Goiás. Era o *Pioneiro da Justiça* que despachava todos os processos de desapropriação das terras da região — prioritários

naquela época —, dando condições legais para a consolidação da nova capital.

A única autoridade da região é quem resolvia tudo: julgava as questões trabalhistas, eleitorais, criminais, cíveis, familiares e ainda realizava casamentos. Não foi à toa que ficou conhecido como o *Santo Antônio de Brasília*. “Cheguei a fazer 60 casamentos em um único dia”, lembra o pioneiro, que vinha de Planaltina para Brasília uma vez por semana, dirigindo uma caminhonete rural. Tal façanha

tem uma explicação. Para ganhar o lote, os candangos tinham que apresentar a certidão de casamento.

Tanto trabalho no Distrito Federal resultou em mais de 3 mil processos só no ano de 1959. Como não havia Tribunal de Justiça, o juiz — e o colega advogado Inezil Pena Marinho — teve de improvisar um *trailer*, no bloco 6, em frente ao Ministério da Justiça, para despachar as primeiras petições. O aumento do número de serviços, aliado à infra-estrutura precária, o obrigou a improvisar uma sala no galpão da Novacap até a inauguração do Tribunal em 1960.

Formado pela Faculdade de Direito de Goiás, Lúcio Arantes — com a inauguração do Tribunal — dava início a uma nova fase da Justiça em Brasília. Lúcio Arantes passou a integrar a instituição como juiz substituto, chegando anos depois à presidência dos tribunais de Justiça e Eleitoral da capital.

O ato de coragem e a grandiosa atuação do desembargador — o primeiro goiano a exercer um alto cargo na capital — o fizeram merecer inúmeras homenagens, dentre elas, a medalha *Marechal Pessoa*, conferida pelo Instituto Histórico e Geográfico de Brasília, a de

## PIONEIROS

Na Comarca de Planaltina, onde atuava com juiz, Lúcio foi o responsável por todos os processos de desapropriação de terras para a construção da nova capital



EM TODOS OS MOMENTOS DA VIDA, LÚCIO CONTOU COM O APOIO DA FAMÍLIA

“

A MENTALIDADE DO CANDANGO FOI SE APRIMORANDO AO RECEBER O IMPACTO DAS PRIMEIRAS LEVAS DE FUNCIONÁRIOS PARA CÁ TRANSFERIDOS. A SOCIEDADE, MESCLADA A PRINCÍPIO, FOI SE TRANSFORMANDO EM SOFISTICADA, ATÉ CHEGAR AO PADRÃO DE FINA FLOR”

*Mérito de Brasília* e a do *Mérito Judiciário*, concedida pelo Tribunal de Justiça de Goiás.

O integrante do Clube dos Pioneiros e da Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília também quase chegou a governador do Distrito Federal numa época em que tinha o privilégio de ser a única autoridade local.

#### Lembranças

O corregedor ainda guarda na memória boas lembranças de uma época difícil e sem conforto, mas recompensada por momentos simples e de grande valor sentimental. Como, por exemplo, a alegria do reencontro com o amigo *seresteiro* César Prates, durante o início da construção do Catetinho — e com os também pioneiros Ernesto Silva, Antônio Carlos Osório, Inezil Pena Marinho, Bernardo Sayão, Íris Meimberg, Israel Pinheiro e o amigo e presidente Juscelino Kubitschek.

Outro fato que o pioneiro faz questão de lembrar se passou

com o escrivão de Goiás, chamado às pressas para casar um doente terminal. “O escrivão chegou atrasado e o doente já agonizava. Ele perguntou à família se era o desejo do casal realmente se casar. A noiva e os presentes diziam que sim. A mesma pergunta foi feita ao noivo, mas ele não respondeu”, lembra o juiz, que não teve dúvida: “Quem cala consente!”

Para o magistrado que acreditou em Brasília — denominada na época *capital do tédio* — muito antes de sua construção, testemunhou a mudança da capital, os processos originados com a sua consolidação e o crescimento de várias gerações, o comportamento do brasiliense foi se modificando à medida que a cidade se desenvolvia. “A mentalidade do candango foi se aprimorando ao receber o impacto das primeiras levas de funcionários para cá transferidos. A sociedade, mesclada a princípio, foi se transformando em sofisticada, até chegar ao padrão de fina flor”, analisa.

Aposentado, o primeiro juiz de Brasília aproveitava a tranquilidade de sua residência no Lago Sul para curtir a esposa, Beth, e escrever seu livro de memórias — o segundo que o autor pretende lançar no próximo ano.

Com tantos feitos neste chão, a primeira autoridade judicial de Brasília tem histórias de sobra para contar, como o último casamento que realizou — o da deputada Ivete Vargas —, o desquite da filha do ministro Mário Pinotti, as desapropriações das fazendas do Torto, Bananal, Riacho Fundo e do Gama e a primeira eleição do Distrito Federal. “Ser *Pioneiro da Justiça* de Brasília foi para mim um privilégio, pois convivi com os candangos, distribuí justiça e participei de todos os acontecimentos ocorridos aqui”, declara o magistrado. Certamente, para muitos candangos e para a magistratura brasiliense também é um privilégio e orgulho ter Arantes como precursor.

## Raio X

**Nome:**  
Lúcio Batista Arantes  
**Idade:**  
85 anos  
**Origem:**  
Trindade, Goiás  
**Ano de chegada a Brasília:**  
1956 (morava em Planaltina desde 1951)  
**Profissão:**  
Magistrado  
**Mulher:**  
Beth Cunha Cruz Arantes  
**Filhos:**  
Luciano, Leonardo, Túlio e Beatriz  
**Netos:**  
Bruno, Rafaela e Rebeca



## Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chivacitti, Stela Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias. Arquivo Público do Distrito Federal. Arquivo pessoal dos pioneiros e do *Correio Braziliense* Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados



Nilton Soares de Freitas

# O amor pela cidade veio com o tempo

Arquivo Público

STELA MÁRIS ZICA  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Trocar a Cidade Maravilhosa por um canteiro de obras cercado de um mar de poeira e cerrado era tudo que ele menos queria. Mas as pesadas mensalidades do apartamento no Rio obrigaram Nilton Soares de Freitas a acompanhar o grupo de funcionários públicos transferidos para a nova capital.

"Quando sobrevoei a cidade, pensei: será que vou ter que ficar aqui?", lembra o então funcionário do Ministério da Educação, que chegou à cidade na companhia do chefe-de-gabinete, da secretária e de um assessor do ministério. "Foi uma decepção ver aquele lugar feito todo em madeira. Além disso, só havia uns barracos", lembra o morador, que chegava a banhar-se dez vezes por dia para tirar a sujeira causada pelos *lacerdinhãs* — redemoinho de poeira assim denominado por causa do polêmico Carlos Lacerda. "Não me acostumava de jeito nenhum com a cidade. Eu fiquei horrorizado quando cheguei do Rio, pensando que encontraria uma cidadezinha típica do interior, mas não era nada daquilo. Era muito triste", recorda o antigo morador do bairro carioca de Laranjeiras.

Sem alternativa e sem a namorada — que preferiu ficar no Rio —, Nilton foi morar numa casa na 108 Sul. Quinze dias



após a inauguração da capital, deu a louca no pioneiro e ele resolveu voltar para o Rio decidido a nunca mais voltar. O funcionário público passou mais de dez dias indevidamente aproveitando as belezas cariocas. Mas como tinha que pagar as prestações do apartamento e, para não perder a estabilidade no emprego, decidiu voltar à dura realidade no Planalto.

Nilton conta que naquela época houve uma avalanche de processos de divórcios na capital, pois muitos preferiam continuar

nas cidades de origem a começar uma vida nova em Brasília.

Para suportar a distância dos amigos e da família, Nilton, quando não estava trabalhando, ficava em casa ouvindo as canções do Miltoninho ou jogando buraco com os colegas que moravam no bloco ao lado. O pioneiro também costumava frequentar as rodas de bate-papo da Telebrasília, em frente à 416 Sul, para fugir da solidão.

Aos poucos, o diretor da Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília ia se acostumando

com a idéia de morar na capital. "Com a saída de Juscelino Kubitschek da Presidência e a entrada de Jânio Quadros, quase voltei para o Rio, mas pensei melhor e vi quantas amizades já tinha conquistado e quanto sofrimento eu havia superado aqui. Foi aí que aprendi a gostar da cidade", declara.

## Refúgio

A Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) servia como refúgio e distração e era de lá também que vinham os móveis para a mobi-

liar as casas. "O governo dava uma guia aos funcionários para a retirada dos móveis — naquela época eram todos de ferro — só tínhamos o trabalho de buscá-los", afirma o pioneiro.

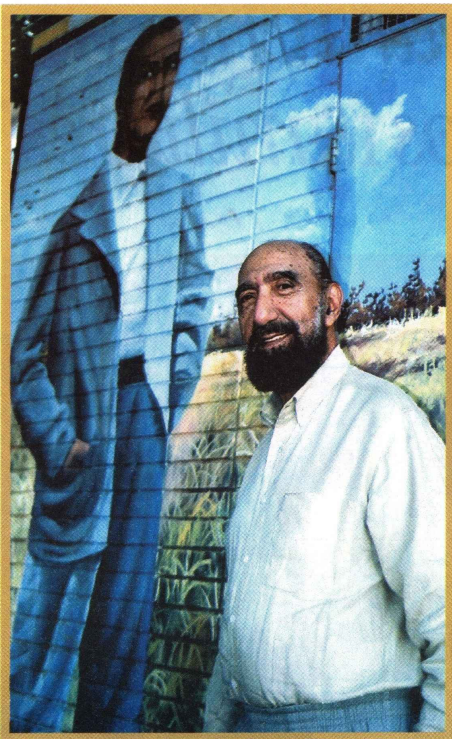
Se era difícil se deslocar do Plano à Cidade Livre para fazer compras — quando os moradores

**NILTON EM REUNIÃO COM O MINISTRO DA EDUCAÇÃO, CLÓVIS SALGADO**

## PIONEIROS

*O funcionário público chegou à cidade contrariado com a mudança da capital, e quando teve oportunidade de voltar para o Rio, não quis abrir mão das amizades feitas aqui*

COMO RESPONSÁVEL  
PELA QUADRA 108  
SUL, NILTON  
INCENTIVA O  
ENTROSAMENTO  
ENTRE OS  
MORADORES



não tinham a sorte de arrumar uma carona —, “imaginem a dificuldade de se conseguir um caminhão para trazer a mobília”. O funcionário do MEC esperou um dia todo para receber os móveis. “Além da demora, o motorista ainda passou o pedido de um deputado na minha frente. Acho que ele deve ter recebido uma gorjeta bem grande para isso”, afirma, desconfiado.

As viagens para o Rio faziam a alegria do pioneiro, que chegou a ir mais de 30 vezes de ônibus para lá. Nem as 20 horas de estrada desanimavam o carioca. As viagens a trabalho também eram motivo de satisfação para o servidor público que andava acompanhado do ministro da Educação, Clóvis Salgado, a bordo de um air bus da Panair.

Diretor do Serviço Nacional de Biblioteca do MEC, o professor Nilton sempre dava um jeito de levar a diversão às crianças candangas, já que o lazer na cidade, naquela época, era praticamente inexistente. Com muita disposição e coragem, o funcionário providenciava o ônibus, o enchia de livros e corria em direção à Cidade Livre para fazer a distribuição.

Mesmo emprestados, os livros nunca foram devolvidos. Com a satisfação de dever cumprido, o professor ensina: “Mais vale um livro perdido que na estante guardado”. Como os ministérios empregavam poucos funcionários, Nilton se desdobrava também na função de diretor do Ensino Médio e Agrícola.

#### A histórica 108 Sul

Morador da quadra há 43 anos, o professor Nilton já faz parte do cenário da 108 Sul. Inaugurada

às pressas para receber o primeiro escalão do governo, a primeira quadra de Brasília ainda guarda as características do projeto original graças ao trabalho do pioneiro, que há dez anos é o responsável pela administração.

Lá, ele construiu dois parquinhos, divididos de acordo com a faixa etária — um para os menores de seis anos e outro para os de sete a 12 anos —, rampas de acesso às ruas e aos blocos e reformas nas calçadas. “As empregadas é que gostaram dos parques. Elas descem com os filhos das patroas e, enquanto eles brincam, aproveitam para fazer amizades e conversar um pouco. É uma boa distração”, afirma o pioneiro, comovido pela cora-

gem das empregadas, que, assim como ele, deixaram suas famílias para viver na nova capital. Preocupado com a socialização e com a diversão das crianças, o advogado — formado pelo Uniceub —, que um dia quase foi forçado pela solidão a ir embora de Brasília, hoje, incentiva a amizade e a comunicação entre os moradores.

Em seu apartamento, que fez questão de preservar as características originais, ele guarda com carinho várias fotos das festividades da quadra, as atas das reuniões e a planta da 108 Sul — a mesma quadra onde o presidente JK chegou a ter um apartamento sem nunca ter ocupado.

“  
O GOVERNO  
DAVA UMA GUIA  
AOS  
FUNCIONÁRIOS  
PARA A  
RETIRADA DOS  
MÓVEIS —  
NAQUELA ÉPOCA  
ERAM TODOS DE  
FERRO —, SÓ  
TÍNHAMOS O  
TRABALHO DE  
BUSCÁ-LOS

”

O local, que anos atrás “não tinha jardins nem crianças”, hoje tem escolas, parques de diversão e muita alegria, tudo idealizado por este pioneiro de 77 anos.

Bem humorado e com uma saúde invejável, o professor ainda sonha em fazer melhorias por lá e ensinar às crianças a cultivar o amor pela cidade. “A meninada precisa saber a história e a cultura de onde vivem, onde estudam, para saber informar aos outros e para preservar a cidade”, defende o prefeito.

Brasília hoje tem um outro significado para o pioneiro: “é que nem um filho, a gente passa a ter amor por ele e qualquer coisa de mau que acontece a ele a gente sente”.

## Raio X

**Nome:**  
Nilton Soares de Freitas  
**Idade:**  
77 anos  
**Origem:**  
Rio de Janeiro  
**Ano de chegada a Brasília:**  
1960  
**Profissão:**  
Professor aposentado e advogado  
**Estado civil:**  
solteiro  
**Filhos:**  
não tem

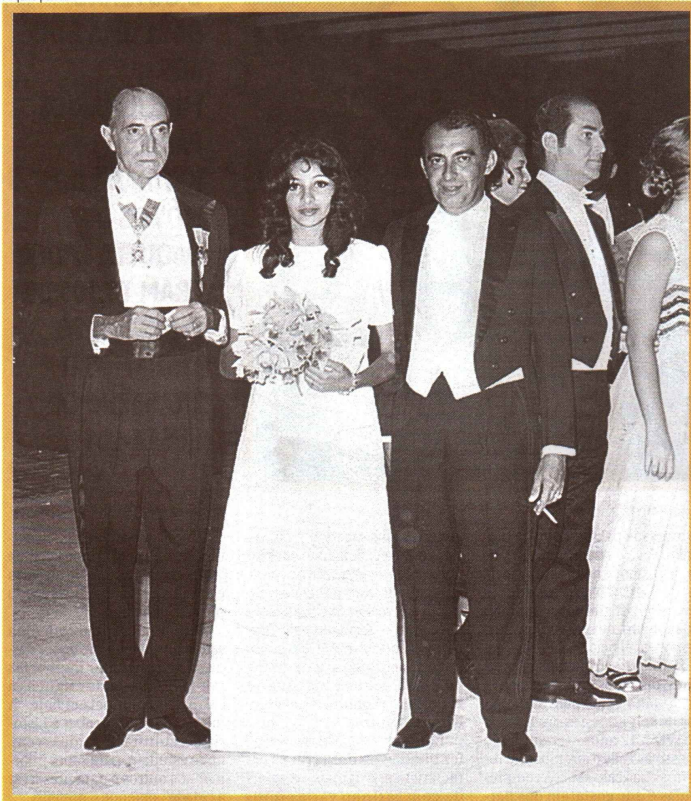


Nonata Perez Nobre Mourão

A pioneira c  
no concurso

# Dificuldade para criar os filhos longe dos familiares

Arquivo pessoal



**NONATA E O MARIDO (D) TINHAM UMA VIDA SOCIAL INTENSA. NO ITAMARATY PARTICIPARAM DA RECEPÇÃO PARA O GENERAL CHARLES DE GAULE**

VINÍCIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

A pioneira Nonata Perez Nobre Mourão nasceu na cidade de Itaraucá, no Acre, mas frisa que não é acreana, pois saiu de lá muito pequena. Do Acre, ela foi para Fortaleza, onde se criou. Depois foi morar no Rio de Janeiro. Somente em 1962, depois de passar por outras duas capitais brasileiras, é que Nonata achou a cidade em que mais gostou de morar: Brasília. A nova capital federal tinha, na época, a mesma idade com que Nonata deixou sua cidade natal: dois anos.

Nonata veio para o Planalto Central acompanhando o marido, José Lourenço de Araújo Mourão, que havia sido aprovado em um concurso público para promotor no Distrito Federal. "Ele se formou na primeira turma de promotores de Brasília", recorda a pioneira, viúva há seis anos. Além da oportunidade de crescimento profissional, a proximidade com o Poder ia ao encontro dos anseios de José Lourenço, que foi deputado pelo PSD do estado do Acre. Mas Nonata não gostou da cidade logo que chegou por aqui, mãe de quatro de seus cinco filhos e grávida do caçula, José Lourenço Junior. O principal problema foi com a moradia. Primeiro, ofereceram à família uma casa na W3 Sul. "

Achei aquelas casas todas juntas e todas iguais muito estranhas e acabei não concordando em morar em uma delas", conta. A se-

gunda opção — um apartamento funcional na Asa Sul para parlamentares e promotores — foi melhor, mas estava longe de agra-

dar aquela dona-de-casa que nunca havia morado em apartamento em sua vida. "Levei um susto. Sentia que estava presa na-

quele apartamento, sem quintal", lembra Nonata, que se arrumava toda para ir ao jardim ou ao pátio que não existiam.

Os três primeiros meses foram difíceis para a pioneira, com direito a muito choro e vontade de voltar para Fortaleza. "Mas eu não podia largar minhas crianças e meu marido para trás", diz Nonata, que nunca voltou realmente para a cidade onde foi criada. Além da solidão — que só durou três meses, vale ressaltar —, havia mais uma coisa que a incomodava em Brasília: o barro vermelho. "As crianças desciam para brincar e era inevitável que voltassem todas cobertas desse barro vermelho, que é uma marca registrada da cidade", conta. Realmente não era fácil criar as crianças aqui, pois, como bem lembra, essa foi uma geração de pioneiras que criou seus filhos "sozinha, sem o apoio de familiares ou amigos mais próximos, contando apenas com a ajuda dos vizinhos". A determinação utilizada na hora de criar seus filhos foi a mesma que levou Nonata a decidir fazer um curso superior depois de mais de 30 anos de casamento. "Fui em busca de um algo mais que faltava em mim", conta a pedagoga sem esconder o orgulho de ter vencido o desafio e ter ocupado o cargo de coordenadora pedagógica do Centro de Reabilitação de Jovens no Gama, durante seis anos.

*chegou a Brasília, em 1962, acompanhando o marido, José Lourenço, que havia passado o para promotor do Distrito Federal. Aqui, criou os cinco filhos e se formou em Pedagogia*

**VIÚVA HÁ SEIS ANOS, NONATA MANTÉM O COSTUME DE REUNIR OS FILHOS NA CHÁCARA E JOGAR CARTA COM OS AMIGOS**



O tempo foi passando e logo Nonata estava acostumada com a rotina da cidade, já que não era muito difícil fazer amizade em uma cidade em que todos estavam começando. “Nossa atividade social era intensa. Sempre tinha um acontecimento na casa de alguém ou uma seresta para irmos”, diz a pioneira, com ar saudosista. Isso sem falar nas animadas conversas no Clube do Congresso e no late Clube, todos frequentados por famílias inteiras, e nas partidas de carteadado, que uniam homens e mulheres, de parlamentares a donas-de-casa em torno de uma mesa. Até hoje é assim. “Ainda tenho uma turma que se encontra para jogar buraco ou pôquer e lembrar dos velhos tempos”, afirma Nonata, garantindo que continua sendo uma parceira das melhores seja qual for o jogo.

Em muitas dessas serestas, frequentadas pelos pioneiros, o presidente Juscelino Kubitschek estava presente. “Ele era visto como um deus pelos candangos, mas era um homem muito humilde”, afirma Nonata, que não tinha laços tão estreitos com o criador da cidade. Mesmo assim, Juscelino foi protagonista de um episódio envolvendo sua filha mais velha, Fernanda, que não sai das memórias nem da mãe nem da filha. “O presidente passou a parada de Sete de Setembro toda com a Fer-

nanda no colo”, orgulha-se a mãe coruja. A amizade de Nonata e Juscelino só veio mesmo deslanchar durante o exílio de JK. “Foi uma época em que meu marido apoiou Juscelino”, diz ela, que casualmente estava sentada ao lado de Juscelino e de uma de suas filhas, a Maristela, no avião, quando ele voltava à capital pela primeira vez depois do exílio. “Perguntei a Juscelino o que estava sentindo e ele me disse que era como se voltasse a rever sua terceira filha depois de tantos anos”. Vale lembrar que Juscelino tinha duas filhas — Maristela e Márcia Kubitschek.

A vontade de ter sempre a casa cheia fez com que, mesmo sem saber, o casal José Lourenço e Nonata Mourão acompanhasse de perto o crescimento e o desenvolvimento de uma das áreas mais nobres da cidade: o Lago Sul. Há 34 anos, Nonata mantém um pequeno sítio situado na QI 29 do bairro, onde sempre que pode gosta de reunir seus cinco filhos, quinze netos e duas bisnetas. “Era nesse local que meu marido se desligava das preocupações do plenário e de sua vida profissional. É um refúgio nosso, bem rústico e com uma nascente

“**NOSSA ATIVIDADE SOCIAL ERA INTENSA. SEMPRE TINHA UM ACONTECIMENTO NA CASA DE ALGUÉM OU UMA SERESTA PARA IRMOS**”

maravilhosa”, afirma Nonata, definindo José Lourenço Mourão como um “homem de muito valor e muito humilde. Tanto que acabou sendo indicado pelos colegas do Ministério Público três vezes para integrar a lista tríplice avaliada pelo presidente”. Vale ressaltar que o casal chegou à QI 29 do Lago Sul quando o bairro ia somente até a quadra 18. “O Lago acabava ali no Instituto Dom Orione. Nossa quadra era deserta”, garante a pioneira, que hoje se admira ao ver que de lá de seu sítio ao Senado o filho não gasta mais do que 15 minutos.

## Raio X

**Nome:** Nonata Perez Nobre Mourão  
**Idade:** “mais de 60”  
**Origem:** Itaracú, Acre  
**Profissão:** Pedagoga (aposentada)  
**Marido:** José Lourenço de Araújo Mourão (falecido há seis anos)  
**Filhos:** Fernanda Maria, Domingos Neto, Paulo Fernando, Cláudia e José Lourenço Júnior  
**Netos:** Juliano, Daniela, Luiz Carlos, Carolina, Rodrigo, Marcela, Daniel, Silvana, Mariana, Paulo, Lourenço, Ângela, Alexandre, André e Stela  
**Bisnetas:** Maria Eduarda e Helena Gaya.  
**Ano de chegada a Brasília:** 1962.

## PIONEIROS



Oraida Campos

# Amor renovado a cada manhã

BIANCA CHIAVICATTI  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Quando Oraida Policena de Andrade Campos, 70 anos, viu Brasília pela primeira vez, a nova capital do país já estava inaugurada. Era julho de 1960. Mas a cidade ainda era um ponto muito pequeno no meio do Cerrado. À noite, conforme ela mesma descreve, era possível perceber o tamanho exato que o novo Distrito Federal possuía até então. “As luzes só iluminavam o Eixão, o resto era escuridão”, conta.

Na W3 Sul, as poucas casas construídas onde hoje ficam as quadras 700 chegavam até a altura da 708. Dali até a 715, quadra 48 na época, só havia Cerrado. O setor Hospitalar, na 716 Sul, também não existia. O canteiro central que separa as duas mãos da via ainda não estava construído e as árvores não estavam plantadas. O asfalto ainda não tinha sido concluído, mas a avenida já tinha uma mão de piche.

Os setores Comercial e Bancário Sul estavam em obras. Na Asa Norte, quase nada construído. Nenhuma luz acesa, a não ser no Eixão. “Vista de longe, Brasília parecia uma cidadezinha de cristal”, descreve Oraida.

Mesmo com as dimensões reduzidas e a contragosto de vários, que preferiam não acreditar na consolidação da nova capital da República, Brasília seguia crescendo e conquistando quem aqui desembarcava. “Era

Arquivo pessoal



chique dizer que não gostava da cidade, mas a verdade é que todos que aqui chegavam terminavam se apaixonando.”

## A mudança

Natural de Abaeté, Minas Gerais, Oraida é viúva do senador Lauro Campos. Os dois já estavam casados e com dois filhos quando Brasília foi inaugurada. Em Belo Horizonte, onde o casal morava, o que se ouvia falar a respeito do projeto de Juscelino Kubitschek era que o país não tinha condições financeiras de suportar os gastos de uma obra como Brasília. Esta descrença perseguiria o novo Distrito Federal por pelo menos uma década. “Lembro

me que até o início dos anos 80 qualquer crise vivida no país era motivo para voltar a se falar do retorno da capital para o Rio de Janeiro”, recorda-se Oraida.

O primeiro da família Campos a se mudar para cá foi o advogado Álvaro Campos, irmão de Lauro. Como consultor jurídico do Ministério da Educação, Álvaro foi transferido para a cidade em 1960, quando todo o funcionalismo dos ministérios passou pela mesma mudança. Ciente das oportunidades profissionais que a cidade oferecia para quem se aventurasse a participar do seu desenvolvimento, Álvaro terminou convidando o irmão Lauro para

abrir um escritório aqui. O convite seria aceito em julho. Funcionária da Receita Federal, dois meses depois, em setembro, Oraida também conseguiria a transferência no serviço público e desembarcaria de mudança no Planalto Central, com dois filhos pequenos.

“Todas as dificuldades que eu esperava encontrar aqui, encontrei”, diz. “Mas até da poeira eu gostava”, conta. Sem moradia ainda determinada pelo Grupo de Trabalho de Brasília (GTB), a família se hospedaria no hotel Dó Ré Mi, que ficava entre o Palácio da Alvorada e a Vila Planalto, próximo à extinta Vila Amauri. Como aqui não existia ainda a

**ORAIDA E O MARIDO LAURO ADMIRANDO O RECÉM-CONSTRUÍDO PALÁCIO DA ALVORADA, EM 1960**

iniciativa privada, o governo era quem coordenava onde e como as pessoas iriam morar.

## Vila Amauri

Os restos da Vila Amauri, como utensílios domésticos, podem ser encontrados ainda hoje no fundo do Lago Paranoá. Quem garante é um dos filhos



## PIONEIROS

A mineira Oraida era funcionária da Receita Federal e chegou a Brasília com o marido, Lauro Campos, pouco tempo depois da inauguração da nova capital

de Oraida, Bernardo. Em uma de suas últimas investidas, o mergulhador teria encontrado algumas painéis no local.

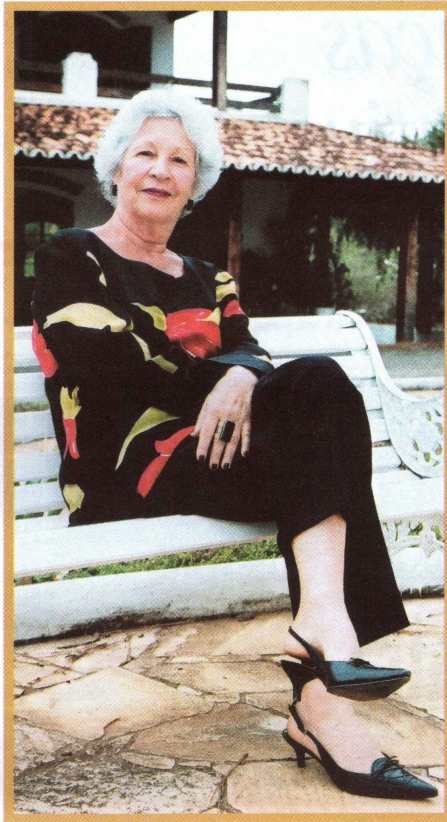
Formada por barracos de madeira, como também a Vila Planalto, onde ficavam os acampamentos das construtoras encarregadas das obras da cidade, e a Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), a Vila Amauri existiu antes do enchimento do Lago. "Lago era só um fiapinho de água, eu e Lauro andamos muito no fundo do Paranoá", diverte-se Oraida.

Por um ano, segundo ela, as pessoas que moravam ali foram avisadas pelo governo que era preciso deixar o local por causa da inundação da barragem. "Mas as pessoas insistiam e esperavam a água chegar   porta de suas casas para sairem de l ", conta. Oraida conhece bem a história porque o hotel D  R  Mi era vizinho   Vila.

### Primeira moradia

Em 1961, o casal Campos receberia do GTB uma casa onde hoje está a 715 Sul. Para chegar   moradia, era preciso percorrer alguns quil metros de Cerrado até o início da movimentac o da W3 Sul, na 508. "Dali em direc o ao Eixo Monumental já havia restaurantes, cinema, escola etc.", revela. "Mas em frente   nossa quadra s  existia um bar, uma padaria e uma pequena mercearia", completa.

Por ser funcionária do governo federal, o transporte para o ministério era gratuito. Todos os dias, um ônibus buscava e deixava em casa todos os trabalhadores que não possuíam automóvel — a grande maioria. Aos sábados, devido   precariedade do comércio no Plano Piloto, o mesmo ônibus fazia o transporte dos funcionários para a Cidade Livre,



H  43 ANOS EM BRASÍLIA, ORAIDA NÃO PENSA EM DEIXAR A CIDADE, ONDE CRIOU OS FILHOS

onde vendia-se tudo, desde uma agulha até um trator.

O carro do casal ficava com Lauro Campos ou era usado para os passeios em família. "Todas as noites, percorr amos o Plano Piloto com as crianças para ver as novidades", conta Oraida. O ritmo da constru o era tão alucinante que sempre havia uma obra nova concluída. "Assim, acompanhávamos tudo o que acontecia e todos os que tinham carro faziam a mesma coisa, diariamente", afirma. "Isto nos

fazia sentir um pouco donos da cidade, e o amor por Brasília aumentava a cada manhã", declara.

Além da constru o da cidade, um espetáculo   parte era o fim do expediente dos candangos.  s 18 horas, caminhões repletos deles deixavam os canteiros de obras em direc o aos acampamentos das construtoras. "Satisfeitos, os operários iam cantando e abanando os chapéus para a popula o, que, ao mesmo tempo, deixava as reparti es do serviço público federal", descreve.

“  
ERA CHIQUE  
DIZER QUE  
NÃO GOSTAVA  
DA CIDADE,  
MAS A VERDADE  
  QUE TODOS  
QUE AQUI  
CHEGAVAM  
TERMINAVAM  
SE APAIXONANDO

## Raio X

**Nome:**  
Oraida Policena de Andrade Campos  
**Idade:**  
70 anos  
**Origem:**  
Abaeté, Minas Gerais  
**Profissão:**  
funcionária pública aposentada  
**Ano de chegada a Brasília:**  
1960  
**Marido:**  
Lauro Campos (falecido)  
**Filhos:**  
Carlos Neto, Isabela, Laura, Bernardo e Raoul Campos (falecido)  
**Netos:**  
Pedro, Joana, Cau , Otávio, Júlia, Viviane, Felipe, Lorena e Ma t .  
**Bisnetos:**  
Gabriel e Bianca

## PIONEIROS



Ugo Bureste

# Boas lembranças do Cerrado nativo

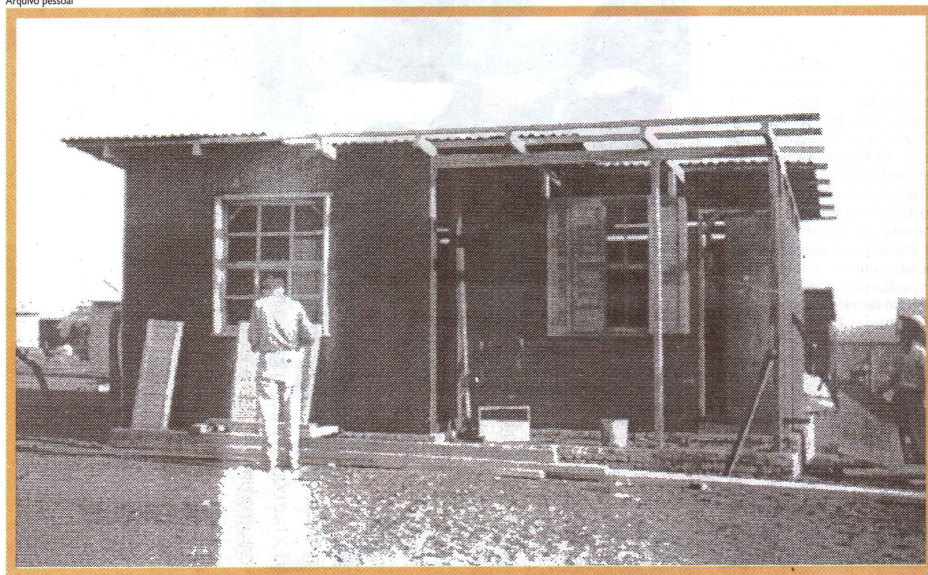
BIANCA CHIAVICATTI  
ESPECIAL PARA O CORREIO

As lembranças que o italiano Ugo Bureste guarda com mais carinho de Brasília antes de ser inaugurada nada têm a ver com as obras que dariam o formato à cidade até 1960. Natural da cidade de Arezzo, na Itália, Bureste gosta de falar da fauna e flora abundantes que encontrou no Planalto Central quando aqui chegou, em maio de 1957. "Caçava perdizes no local onde hoje está o Hotel Nacional e no morro onde foi construída a Rodoviária", conta. "Próximo à construção do Brasília Palace, cansei de me preparar com veados em bandos atravessando a mata que existia ali", completa.

Pioneiro dos pioneiros, como ele mesmo se define, Bureste mudou-se para cá em busca de história. Recém-chegado da Itália arrasada pela Guerra, vivia em São Paulo desde 1952, quando soube pelos jornais que o então candidato à Presidência da República, Juscelino Kubitschek, prometia levar a capital federal para o interior do Brasil. "Não estava aqui há muito tempo, mas me admirava o fato de o interior do Brasil ser tão abandonado", afirma. "Sabia que o cumprimento daquela promessa era fundamental para o desenvolvimento do país", completa.

Doutor em Economia e estu-

Arquivo pessoal



dioso de Filosofia, Bureste trocava a carreira desenvolvida em seu país natal pelo trabalho de representante comercial em solo brasileiro. Mas o interesse por acontecimentos históricos o levaram a mudar de rumo novamente e a participar do projeto de JK. Ele desembarcou aqui quando as únicas construções iniciadas do Plano Piloto eram o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel. "A decisão de iniciar Brasília por estas duas obras foi estratégica", ensina. "Uma por ser a casa do presidente, e a outra porque receberia os visitantes ilustres que

a cidade teria", conclui.

Em São Paulo, o projeto de Bureste era vir a Brasília, por dois dias, definir a atividade profissional que desenvolveria e retornar à capital paulista para providenciar a mudança. Acostumado com o desenvolvimento, Bureste se deu conta da precariedade das condições de vida que enfrentaria aqui ao chegar ao Hotel Souza, que ficava onde hoje está a Avenida Central do Núcleo Bandeirante. "Esperava encontrar acomodações razoáveis, mas o hotel era um barracão feito de tábuas sobrepostas, dividido em

dois cômodos com cinco colchões de palha cada", descreve.

## Areia e pedra

Disposto a fazer qualquer coisa para permanecer aqui, o italiano apresentou-se ao grupo de engenheiros da empreiteira que construía o Brasília Palace. "Perguntei o que eu podia fazer para ajudar e eles me disseram para procurar areia e pedra", recorda-se. A sentença estava dada: a nova ocupação do economista seria desbravar o Cerrado fechado em busca da matéria-prima, fundamental e necessária para

DE SÃO PAULO, UGO TROUXE UMA CASA PRÉ-FABRICADA, QUE LHE SERVIU DE ESCRITÓRIO E DORMITÓRIO NO INÍCIO DA VIDA EM BRASÍLIA

o início das obras.

De volta a São Paulo, Bureste providenciou o transporte de uma casa pré-fabricada para a Cidade Livre. Até 1960, o local serviria de depósito, escritório e dormitório para o italiano, como

## PIONEIROS

*O pioneiro chegou ao Brasil, vindo da Itália, em 1952. Em 1957, decidiu abraçar o sonho de JK e ajudar na construção da nova capital. Aqui, forneceu areia e pedra para as obras*

**UGO E HEPONINA, DEPOIS QUE PERDERAM A PRIMEIRA CASA, RESOLVERAM FICAR NA CIDADE QUE ESCOLHERAM PARA VIVER**



todas as outras construções instaladas ali. “Os terrenos no Núcleo Bandeirante eram dados em comodato para serem devolvidos quando a construção da capital terminasse”, conta.

### Descobertas pitorescas

Os primeiros caminhões da empresa Buresti e Companhia Ltda. eram alugados. Bureste e alguns candangos se adentravam na mata em busca dos melhores locais para extrair pedra e areia. O trabalho ganhava ares de aventura por ser feito numa vegetação pouco conhecida pela maioria das pessoas que chegavam ao futuro Distrito Federal. “Havia gente de todos os lugares do país, mas entre os trabalhadores mais simples, os das regiões Norte e Nordeste predominavam”, diz. “Naquele tempo, a maioria dos brasileiros nem sabia onde ficava o Goiás, imagina conhecer as peculiaridades do Cerrado”, afirma.

As surpresas encontradas na natureza faziam parte do cotidiano do italiano e seus empregados. Numa de suas investidas, por exemplo, o grupo ouviu pela primeira vez uma cobra sucuri gerner. “Parece mentira, mas o ruído que ela produzia parecia o mugido de um boi”, diverte-se. Em outra empreitada, no mesmo lugar desse episódio, Bureste descobriu a mina da Reserva Ecológica da Água Mineral, que décadas mais tarde se tornaria um dos principais pontos de lazer da população do DE.

O primeiro encontro de Bureste — um dos fundadores do Rotary Club em Brasília — com o presidente, que tanto admirava, aconteceu no mesmo ano em que chegou aqui, 1957. JK fora convidado

“  
**(EM BRASÍLIA)  
 HAVIA GENTE DE  
 TODOS OS  
 LUGARES DO PAÍS,  
 MAS ENTRE OS  
 TRABALHADORES  
 MAIS SIMPLES,  
 OS DAS REGIÕES  
 NORTE E  
 NORDESTE  
 PREDOMINAVAM**”

para um almoço no Brasília Palace com os membros do clube, mas não pôde comparecer por ter de participar do lançamento da pedra fundamental do prédio do Banco do Brasil no Setor Bancário Sul. Cavalheiro por natureza, o presidente convidou a todos para uma reunião no Palácio da Alvorada no dia seguinte.

Do encontro, o italiano lembra com detalhes de um diálogo com JK. “Ele dizia que, quando deixasse o governo, o próximo presidente tentaria levar a capital de volta para o Rio de Janeiro”, conta. “Perguntei o porquê de pensar assim e ele me disse que conhecia o seu povo”, conclui.

### Asa Norte

Após a inauguração da cidade, os comerciantes instalados no Núcleo Bandeirante foram convidados pela Novacap a se mudarem para a Asa Norte. Ao contrário da Asa Sul, o lado norte do Eixão não havia se desenvolvido. Grande parte dos moradores do Núcleo

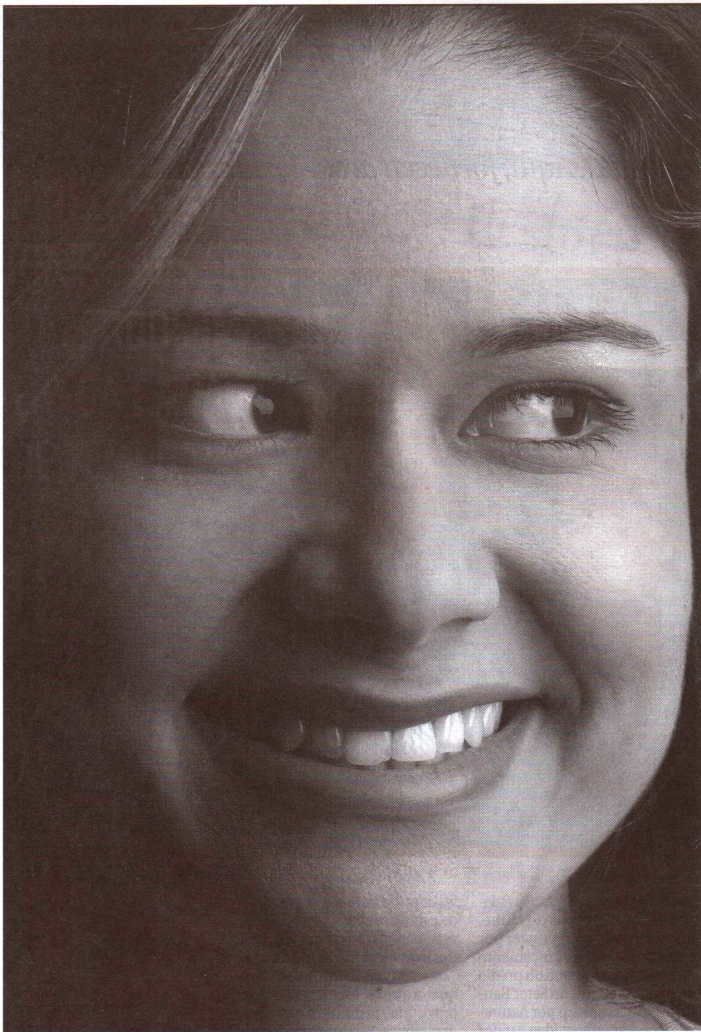
insistira em permanecer na cidade e não aceitara a oferta do governo. Bureste, por sua vez, não hesitou em fazer a mudança. “Desde o início, todos sabiam que aquela localização era provisória”, justifica. “Levei algumas tábuas do barraco onde morava e me estabeleci na W3, no local que me fora indicado.”

Para o italiano, a resistência da população do Núcleo foi um dos motivos do atraso no desenvolvimento da Asa Norte, que por muitos anos foi sarcasticamente apelidada de *Asa Morte*.

Apesar de ter apreço pela cidade que o acolheu quando aqui chegou, Bureste e a esposa, Heponina, não tinham muito a perder na época, depois que a residência do casal teve que ser sacrificada por um benefício maior, como explica o italiano: “Um incêndio tomava conta do Núcleo e se dirigia para um posto de gasolina, próximo a nossa casa. Para evitar o desastre, decidimos destruir a construção.”

## Raio X

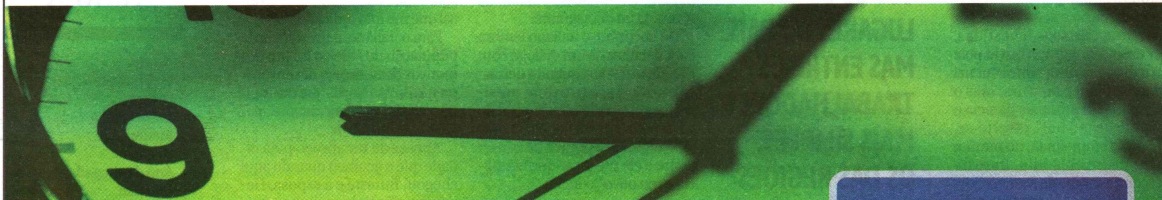
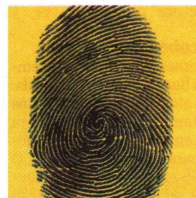
**Nome:** Ugo Bureste  
**Origem:** Arezzo, Itália  
**Idade:** 89 anos  
**Ano de chegada a Brasília:** 1957  
**Profissão:** Comerciante  
**Mulher:** Heponina Bureste  
**Filhos:** Enrico e Guido Bureste  
**Netos:** Chiara e Michele



# RAPIDEZ PARA A MARTA RESOLVER TODOS OS PROBLEMAS, ATÉ O DA FALTA DE TEMPO.

**NA HORA**

SERVIÇOS PÚBLICOS  
COM ATENDIMENTO  
RÁPIDO, SIMPLES E  
DE QUALIDADE.



A Marta trabalha o dia inteiro e faz cursinho à noite para o vestibular. No meio de tanta correria, dia desses ela perdeu a carteira com todos os documentos. Para tirar segunda via de tudo sem perder tempo, foi ao subsolo da Rodoviária procurar o **NA HORA**. Serviço que oferece atendimento imediato ao cidadão e reúne órgãos públicos federais, distritais e do Poder Judiciário. Lá você encontra o Detran, a

Defensoria Pública, o BRB, Procon, Caesb, CEB, ECT, INSS, Ouvidoria Geral do DF e da Polícia Militar, além das secretarias de Fazenda, Segurança Pública e de Trabalho. A Marta experimentou o serviço e gostou. Em cinco minutos, ela foi atendida. Nos sete primeiros meses de funcionamento, outras 330 mil pessoas também experimentaram. E 98% delas avaliaram o atendimento como excelente.

